

IDENTIDADE RELIGIOSA ORTODOXA NO SÉC. V d.C.

Daniel de Figueiredo ·

Resumo: Esse trabalho tem por objetivo observar as tentativas de construção de uma identidade religiosa que se pretendia afirmar como ortodoxa, durante o conflito conhecido pela historiografia como *Controvérsia Nestoriana*. Essa disputa, ocorrida no Império Romano do Oriente, na primeira metade do século V d.C., entre os bispos Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla, esteve relacionada às divergências acerca do relacionamento entre as naturezas divina e humana do Cristo encarnado. A partir da análise da correspondência epistolar de Cirilo e das memórias de Nestório, buscaremos indicar que a busca por afirmação de uma identidade religiosa ortodoxa, naquele contexto, trazia no seu bojo conflitos político-administrativos inerentes à própria estrutura interna da organização eclesial em construção.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia. Identidade religiosa. Cirilo de Alexandria. Nestório de Constantinopla.

A presente comunicação tem por objetivo observar as estratégias para afirmação de uma identidade religiosa ortodoxa, durante o conflito conhecido pela historiografia como *Controvérsia Nestoriana*. Essa disputa, ocorrida no Império Romano do Oriente, na primeira metade do século V d.C., durante o governo do imperador Teodósio II, foi protagonizada pelos bispos Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla, que divergiam acerca do relacionamento entre as naturezas divina e humana no Cristo encarnado. A partir da análise da correspondência epistolar de Cirilo e das memórias escritas por Nestório, no *Livro de Heraclides*, buscaremos indicar que as tentativas, tanto de Cirilo quanto de Nestório e seus respectivos seguidores, de se identificarem como portadores de uma “verdade divina” também estiveram relacionados a conflitos político-administrativos inerentes à própria estrutura interna da organização eclesial em construção. Embora esse conflito esteja representado na documentação na forma de uma querela teológica, ele trazia no seu bojo os desdobramentos da divisão do império, nas porções oriental e ocidental, ocorrida em 395, que refletiram sobre a hierarquia eclesial, uma vez que ela buscava espelhar a sua organização na estrutura administrativa imperial (JONES, 1964; BAYNES, 1926).

No que se refere às divergências teológicas entre ambos os bispos, de forma resumida, Cirilo afirmava que, no momento da encarnação do *Logos*, a segunda pessoa da trindade,

· Doutorando em História Antiga pelo Programa de Pós-graduação em História da FCHS/UNESP Franca. Bolsista FAPESP. E-mail: dd66fig@gmail.com

(GRILLMEIER, 1975, p. 272-273) teria ocorrido uma perfeita união das naturezas, divina e humana no homem Jesus Cristo, de modo que se poderia falar em “uma natureza encarnada de Deus, a Palavra” (CIRILO, *Cartas*, nº 1). Em consequência disso, seria pertinente manter o epíteto de *Theotokos* (Portadora de Deus) que a tradição havia atribuído à Virgem Maria. Nessa perspectiva, a preocupação do bispo alexandrino também se revestia de uma implicação soteriológica, ou seja, relacionada à salvação da humanidade. Para a tradição alexandrina, sobretudo aquela advogada pelo bispo Atanásio, cuja memória Cirilo buscou se associar, a salvação estava centrada na comunicação das qualidades transcendentais da natureza divina com a humanidade, através da encarnação *Logos*. Desse modo, essa segunda pessoa da trindade divina ao se unir à carne também se uniu à humanidade a fim de operar uma total transformação para a sua redenção, em vez de afetar o comportamento humano apenas através do ensino ou do exemplo (LYMAN, 2012, p. 93; BOULNOIS, 1993, p. 447).

Nestório, por outro lado, buscava mostrar uma distinção entre essas naturezas, uma vez que parecia entender que a natureza divina de Cristo, coeterna com o Pai, não teria sido passível de sofrimento e nem tampouco teria sido gerada de uma mulher, ao contrário do que ocorrera à natureza humana do seu corpo. Para Nestório, portanto, seria mais adequado que a Virgem Maria fosse reconhecida como portadora da natureza humana de Cristo (*Christotokos*) (Nestório, *Livro de Heraclides*, 152). Baseando-se nos ensinamentos dos bispos orientais Diodoro de Tarso e Teodoro de Mopsuéstia, a questão da Salvação para Nestório colocava-se de maneira diversa ao entendimento de Cirilo, pois ao propor apenas um vínculo (*synapheia*), e não uma união (*henôsis*), entre as naturezas humana e divina em Cristo ele operava, dessa forma, um distanciamento entre a divindade e a humanidade (BROWN, 2002, p. 97-104). A partir dessas perspectivas opostas, Cirilo acusava Nestório de ariano, por entender que ele criava uma subordinação entre as pessoas da trindade por comprometer a divindade de Cristo e Nestório acusava Cirilo de apolinarista por supor que ele criava um Cristo não totalmente humano. Ou seja, ao mesmo tempo em que ambos tentavam afirmar as suas ideias como pertencentes a uma tradição ortodoxa buscavam, também, associar ao outro alguma forma de cristianismo já rotulada como herética no passado.

Observamos que tais divergências ainda permeavam os debates na chamada *Controvérsia dos Três Capítulos*, ocorrida no governo do imperador Justiniano (527-565) e durante o III Concílio Ecumênico de Constantinopla, em 680, ao fim do qual os argumentos de Cirilo prevaleceram sobre os de Nestório (DAVIS, 1983, p. 228-229; WICKHAM, 1983, p. xlv). Verifica-se que a existência de profundas diferenças entre esses dois projetos

cristológicos rivais (BLAUDEAU, 2006, p. 1-22) e a complexidade que revestiu as discussões naquele momento ensejam, ainda hoje, dificuldades em interpretá-los por parte de teólogos e historiadores da Igreja. É comum encontrarmos trabalhos nessa perspectiva teológica ora questionando a ortodoxia de Cirilo ora a heterodoxia de Nestório (BRAATEN, 1963, p. 252-253). Desse modo, o que se percebe é que definir e legitimar um conceito de ortodoxia era bastante complexo no contexto daquelas discussões, demonstrando-nos que as identidades religiosas na Antiguidade Tardia eram, também, bastante fluídas.

Isso porque ambos os bispos buscavam mesclar às razões filosóficas do saber helênico, sobretudo noções neoplatônicas e aristotélicas, os princípios religiosos cristãos e, para isso, apropriavam conceitos e doutrinas de diferentes tradições e ressignificava-os em benefício das suas convicções ou interesses (SPINELLI, 2002, p. 16). Nessa busca do passado como forma de legitimar o presente, constatamos na documentação as recorrentes invocações dos ensinamentos de bispos como Atanásio, Gregório de Nissa, Basílio de Cesareia e Gregório de Nazianzo, dentre outros, tanto por Cirilo quanto por Nestório. Ou seja, percebemos que uma das estratégias de ação durante o conflito tratou-se de disputar a memória de uma doutrina já consagrada com o objetivo de se apropriar de uma identidade ortodoxa, a despeito das inovações e contradições que as doutrinas de ambos apresentavam, em relação à noção de ortodoxia antes estabelecida, no que se refere à humanidade e divindade de Cristo (CIRILO, *Cartas*, 1, 14, 29; NESTÓRIO, *Livro de Heraclides*, 281-284).

Essa busca pela identificação com a “verdadeira fé” vai nos demonstrar, ainda, que a esfera teológica é um lugar de concorrência e as ideologias produzidas nela, visando à instauração de um monopólio dos instrumentos de salvação, estão propensas a serem utilizadas em outras lutas como, por exemplo, a disputa pelo poder na hierarquia eclesiástica, conforme as diferentes posições ocupadas pelos seus membros nessa organização (BOURDIEU, 2007, p. 62-64)

Nessa perspectiva, trabalhar com as cartas cirilianas, confrontando-as com as réplicas a elas escritas por Nestório em suas memórias, no *Livro de Heraclides*, e tendo como método a identificação das redes de sociabilidade construídas, sobretudo a partir de dados prosopográficos dos missivistas ou daqueles indivíduos citados nas cartas, possibilitou-nos, além de identificar os aliados de Cirilo e Nestório nas suas respectivas ideias teológicas, agregar ao conflito a confluência de outros interesses relacionados à disputa por poder e autoridade entre as Sés Episcopais, que não poderiam ser identificados através do uso isolado de tais documentos. Portanto, o cruzamento das informações contidas nas cartas permitiu-nos

perceber a convergência entre as afinidades doutrinárias e a defesa de interesses jurisdicionais entre Cirilo ou Nestório e daqueles que os apoiavam.

Como exemplo, na carta nº 4, escrita por Cirilo a Nestório, no início da controvérsia, antes mesmo de expor as suas divergências doutrinárias, o bispo alexandrino reclamava de uma interferência de Nestório na condução dos assuntos internos em Alexandria. Em outra carta, a de nº 10, dirigida a um clérigo aliado em Constantinopla, Cirilo deixa mais claro os motivos da sua contrariedade.

Alguns homens continuam tagarelando, como eu tenho ouvido, sobre a resposta que dei a Sua Reverência, e fazem isso, com frequência, *mirando a reunião de oficiais*. Talvez porque eles pensem que estão agradando aos seus ouvidos, proferem tão imprudentes palavras. *Eles fazem isso mesmo que não tenham sido injustiçados, mas devidamente condenados: um de ser injusto com os cegos e os pobres, outro de brandir a espada contra a mãe e o outro de ter roubado dinheiro de outra pessoa com a ajuda de uma serva*. Eles tiveram uma reputação ruim tão duradoura que eu não desejaria isso a seus piores inimigos. [...] (2) Mas eles, com as bocas cheias de maldições e amarguras, irão se defender perante o Juiz de todos. [...] Gostaria agora de voltar-me de novo para o que mais me convém e lembrá-lo, como um irmão em Cristo, que [...] (3) Nós dissemos que, embora as naturezas sejam diferentes, elas foram reunidas para uma verdadeira unidade, existindo um Cristo e Filho em ambos (Carta nº 4, de Cirilo para Nestório, destaques nosso).

A queixa acima parece relacionada a alguns indivíduos, que ele considerava “miudezas da cidade”, que foram condenados por ele em Alexandria, mas que apelaram a Nestório, em Constantinopla, que teria acolhido um pedido de recurso e exposto o problema deles perante a Corte Imperial. Parece-nos, nesse caso, que a conduta de Nestório violava as regras eclesiásticas que determinavam que um bispo não poderia interferir nos assuntos internos da jurisdição de outro bispo (JONES, 1964, 874-875).

Mesmo tendo a ortodoxia das suas ideias acerca da divindade questionadas por Nestório e a maioria dos bispos sediados na diocese do Oriente, Cirilo não deixou de receber expressivo apoio de importantes autoridades eclesiásticas, tanto orientais quanto ocidentais. No trecho da carta nº 12 transcrito a seguir, enviada pelo bispo Celestino de Roma, Cirilo, além de obter respaldo as suas ideias, recebeu, ainda, do bispo romano, uma delegação para agir em seu nome, com o intuito de submeter Nestório à doutrina por eles defendida:

(6) Assim, uma vez que o autêntico ensinamento de nossa Sé está em harmonia com o seu e usando a nossa autoridade apostólica você executará esse decreto com a firmeza precisa. Dentro de dez dias, a contar do dia desse aviso, ele [Nestório] deve ou condenar os seus ensinamentos malignos

através de uma confissão escrita, e afirmar, fortemente, que sua crença, sobre o nascimento de Cristo, nosso Deus, está consoante àquela da Igreja de Roma e da Igreja de sua santidade, e apoiada pela devoção universal, ou, se ele não fizer isso, sua santidade, pelo cuidado com a Igreja, deverá imediatamente entender que ele deve ser removido do nosso corpo, em todos os sentidos [...]. (7) Nós escrevemos essas mesmas instruções para os santos irmãos e colegas bispos João [de Antioquia], Rufo [de Tessalônica], Juvenal [de Jerusalém] e Flaviano [de Filipe], a fim de que nosso julgamento a respeito dele, ou melhor, o julgamento divino de Cristo, possa ser manifestado (Carta nº 12, de Celestino de Roma para Cirilo).

De forma breve, buscaremos indicar o posicionamento adotado pelos bispos citados na carta de Celestino a Cirilo e os motivos adjacentes que poderiam ter pesado nas suas escolhas. Conforme podemos observar pela geografia politico-administrativa do Império Romano do Oriente, no início do século V d.C., já separado administrativamente da porção ocidental, as Dioceses da Macedônia e da Dácia, que vieram a compor a Prefeitura Pretoriana do Ilírico, na porção oriental, estiveram sob a área de influência do bispado de Milão, que disputava com Roma a primazia sobre essa região. Em 397, com a morte de Ambrósio, então bispo de Milão e com o império já dividido, o bispo de Roma logrou prevalecer suas pretensões de consagrar os bispos ordenados naquelas circunscrições agora pertencentes ao império oriental. Portanto, mesmo após a divisão do Império, o bispo de Roma ainda manteve a sua autoridade sobre uma vasta região localizada na porção oriental do império (JONES, 1964, p. 887-889).

No ano de 421, ao que parece, instigado pelo bispo Ático de Constantinopla, o imperador Teodósio II, determinou que todas as províncias do Ilírico oriental deveriam, doravante, reportar-se, na esfera eclesiástica, ao bispo da capital imperial do Oriente, Constantinopla. Para isso, Teodósio II invocou os antigos cânones que regiam a hierarquia eclesiástica, que indicavam que ela deveria se organizar nos moldes da divisão administrativa do Império. No entanto, a partir dos protestos do bispo de Roma, na ocasião, Bonifácio, antecessor do bispo Celestino acima citado, o imperador do Ocidente, Honório, teria estabelecido negociações com o sobrinho, Teodósio II, que revogou as pretensões do bispo de Constantinopla de interferir naquela região (HUNT, 2008, p. 429).

Mesmo assim, não nos parece, porém, que os bispos da capital do Império do Oriente tenham abdicado das suas pretensões sobre a região do Ilírico oriental. Os bispos Rufo de Tessalônica e Flaviano de Filipe¹, que comandavam importantes Sés nessa região, foram prontos em acatar a determinação de Celestino e oferecer apoio a Cirilo (Cartas nº 13, 32, 42,

¹ As cidades de Tessalônica e Filipe situavam-se na Diocese da Macedônia, que junto com a Diocese da Dácia formavam a Prefeitura Pretoriana do Ilírico (MILLAR, 2006, figura X).

43 e 108). Desse modo, Nestório estaria intervindo na Diocese da Macedônia, em prejuízo do bispo da sua capital, Rufo de Tessalônica, que, como já visto, possuía especial relação com Roma (HALL, 2008, p. 733).

João de Antioquia, a principal autoridade eclesiástica na Diocese do Oriente, negou, contudo, acatar os apelos de Celestino e Cirilo (Cartas nº 23 e 27). Cirilo, em outra carta aos clérigos alexandrinos baseados em Constantinopla, que atuavam como informantes dele na capital imperial, dá-nos indicações dos motivos, além da possível afinidade doutrinária, para o bispo antioqueno ter negado apoio a ele e firmado aliança com Nestório, por ocasião do Concílio de Éfeso, em 431, convocado pelos imperadores Teodósio II e Valentiniano III como tentativa de resolver o conflito:

(3) [...] Mas quando nós ouvimos que o mais reverendo e amado em Deus bispo de Antioquia, João, estava chegando, nós aguardamos por dezesseis dias, mesmo depois do protesto de todos do Concílio, que disseram que ele [João] não desejava tomar parte da reunião. **Pois, ele temia que o honorável Nestório, que tinha originalmente estado na Igreja sob ele, sofreria deposição do cargo e seria motivo de vergonha para ele** [João]. A experiência mostrou, mais tarde, tal fato ser verdadeiro, pois ele adiou sua chegada [ao Concílio] (Carta nº 23, de Cirilo para Komário, Potamon, Timóteo, Dalmácio e Eulógio, destaque nosso).

Ainda a respeito do apoio prestado pelo bispo João de Antioquia, e da quase totalidade dos bispos da Diocese do Oriente, a Nestório, Cirilo nos dá mais informações da natureza das disputas que envolviam a querela. A carta enviada por Cirilo, em torno do ano de 433, ao bispo Acácio de Melitene, um dos seus aliados, para relatar as circunstâncias que envolveram aquelas negociações, revela-nos que a disputa teológica estava associada a assuntos relacionados a prestígio e poder:

(4) [...] Embora fosse apropriado que eles mandassem embora a minha tristeza, pedindo desculpas pelas coisas que me foram feitas em Éfeso, eles ainda aproveitaram a oportunidade para dizer que foram provocados contra mim pelo zelo que tinham pelos ensinamentos sagrados. **Mas eu ouvi dizer que não foi o zelo divino que os moveu, nem estavam eles alinhados contra mim ou lutando pelos verdadeiros ensinamentos, mas porque estavam cedendo às lisonjas de homens que eles, através da amizade, estavam arrebatando para as suas próprias causas, aqueles com poder naquele momento** (Carta nº 40, de Cirilo para o bispo Acácio de Melitene, destaque nosso).

Dentre os bispos orientais, que supostamente deveriam seguir as orientações de João de Antioquia, aliado de Nestório, pois se subordinavam a ele, por sua Sé estar localizada na

Diocese do Oriente, encontramos o bispo Juvenal de Jerusalém, ao contrário, emprestando o seu apoio a Cirilo. O bispo alexandrino buscou convencê-lo com os seguintes argumentos:

(1) Rezei para o piedoso bispo Nestório seguir de perto os passos dos homens de boa reputação e a verdadeira fé. Quais daqueles que são bem dispostos não rezam para que os mais estimados devam ser aqueles a quem foi atribuído guiar os rebanhos do Salvador? Além das nossas expectativas, a natureza do caso passou do limite. Aquele que pensávamos ser um verdadeiro pastor, encontramos ser um perseguidor da verdadeira fé. É necessário lembrar Cristo, o salvador de todos nós, que diz: ***“Eu não vim trazer a paz sobre a terra, mas a espada. Pois eu vim colocar o homem em dissensão contra seu pai”***. Na verdade, mesmo contra nossos pais essa guerra é tanto sem censura quanto sem defeito. Ao contrário, cheia de elogios. Quando percebemos que a sustentamos para a glória de Cristo, há muita necessidade nisso. Embora chorando, pois matar um irmão para cingir à nossa volta o zelo por Deus através de todo o mundo é quase dizer: ***“Se alguém está do lado do Senhor, deixe que ele se junte a mim”*** (Carta nº 16, de Cirilo para Juvenal, destaques do autor e nosso).

À parte os recursos retóricos utilizados por Cirilo, na carta acima fica clara a tentativa de indispor Juvenal contra seu superior hierárquico, João de Antioquia, pinçando passagens das Escrituras para justificar as suas pretensões. Há indícios, também, de que outros interesses moviam o bispo de Jerusalém a prestar ostensivo apoio ao bispo alexandrino durante a querela. Se a documentação não nos permite colocar em dúvida a existência de afinidades doutrinárias entre Cirilo e Juvenal, também não podemos deixar de notar que questões político-administrativas agiram em sinergia para concretizar essa aliança.

Segundo nos indica Arnould H. M. Jones (1964, p. 882) e Hugh Kennedy (2008, p. 601), Juvenal teria trabalhado com afinco, durante todo seu episcopado, a fim de obter a independência da Sé de Jerusalém, que estava subordinada à Sé de Cesaréia da Palestina I e, por extensão, à Sé de Antioquia. A luta de Juvenal se coroou de êxitos quando, ao participar do Concílio de Calcedônia, em 451, que confirmou a condenação de Nestório, obteve a independência de Jerusalém em relação à Cesaréia e Antioquia, na esfera eclesiástica.

Outras tantas informações podem ser extraídas dessa documentação acerca do sentido político-religioso-administrativo da *Controvérsia Nestoriana*, inclusive agregar os interesses do poder imperial em jogo, conforme observamos através do envolvimento de diversos funcionários da administração imperial e dos próprios imperadores naquela documentação. Esse extravasamento das disputas de ideias para além da esfera religiosa envolvem sempre relações de poder e autoridade, devido às posições que os diferentes atores assumem nas suas relações dentro da esfera religiosa. Com o objetivo de reforçar a autoridade de um ponto de

vista e de uma posição é que esses atores competem e, assim, mobilizam pessoas, delimitam fronteiras, criam precedentes e estendem a esfera de influências das lideranças.

Logo, em nossa perspectiva de análise, a *Controvérsia Nestoriana* tratou-se do engajamento de correntes cristãs não apenas em uma luta sobre a definição da “verdade divina”, mas, também, pela liderança das congregações cristãs e de seus recursos, que eram ativos políticos e econômicos significantes (GALVÃO-SOBRINHO, 2013, p. 4). Portanto, a formação e a contestação de identidades religiosas ortodoxas durante esse conflito estavam, fundamentalmente, relacionadas ao poder ou, mais especificamente, como lembra Richard Miles (1999, p. 5) em estudo sobre identidades na Antiguidade Tardia, ao poder de representar.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

CYRIL OF ALEXANDRIA. **Letters 1-50**. The Fathers of the Church. Vol. 76. Translated by John I. McEnerney. Washington/DC: The Catholic University of Press, 2007a.

_____. **Letters 51-110**. The Fathers of the Church. Vol. 77. Translated by John I. McEnerney. Washington/DC: The Catholic University of Press, 2007b.

NESTORIUS. **The Bazaar of Heracleides**. Translated from the syriac by G. R. Driver and Leonard Hodgson. Oxford: Oxford University Press/Clarendon Press, 1925.

_____. **Le Livre d’Heraclide de Damas**. Traduit en français par F. Nau avec le concours P. Bedjan et M. Brière. Paris: Letouzey et Ané Éditeurs, 1910.

2) Livros e periódicos

BAYNES, Norman H. Alexandria and Constantinople: a study in ecclesiastical diplomacy. **The Journal of Egyptian Archaeology**, vol. 12 nr. 3-4. Oct. 1926, p. 145-156.

BLAUDEAU, Philippe. **Alexandrie et Constantinople (451-491): de l’histoire à la géo-éclesiologie**. Roma : École Française de Rome, 2006.

BOULNOIS, Marie-Odile. Le paradoxe trinitaire chez Cyrille d’Alexandrie: herméneutique, analyses philosophiques et argumentation théologique. In: **École pratique de hautes études. Section des sciences religieuses. Annuaire**. Paris, 1992-1993, p. 447-451.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Vár. trad. S. Paulo: Perspectiva, 2007.

BRAATEN, Carl E. Modern interpretations of Nestorius. **Church History**, vol. 32, n. 3. Cambridge Un. Press American Society of Church History, Sep. 1963, p. 251-267.

BROWN, Peter. **Poverty and Leadership in the Later Roman Empire**. Hanover/NH: University Press of New England, 2002.

DAVIS, Leo Donald. **The first seven Ecumenical Councils (325-787):** their history and theology. Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 1983.

GALVÃO-SOBRINHO, Carlos R. **Doctrine and Power:** theological controversy and Christian leadership in the later Roman Empire. Los Angeles: Univ. California Press, 2013.

GRILLMEIER, Aloys. **Christ in Christian Tradition:** from the apostolic age to Chalcedon (451). Translated by John Bowden. Atlanta: John Knox Press, 1975.

HALL, Stuart George. The organization of church. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Org.). **Late Antiquity: Empire and Successors, A.D. 425-600.** 5. ed. The Cambridge University Press, Vol. XIV. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 2008, p. 731-744.

HUNT, David. The church as a public institution. In: CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter. (Org.). **The late empire, AD 337-425:** The Cambridge Ancient History, Vol. XIII. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 2008, p. 238-276.

JONES, Arnould Hugh Martin. **The later roman empire, 284-602:** A social, economic and administrative survey. 2 vol. Baltimore: Johns Hopkins University, 1964.

KENNEDY, Hugh. *Syria, Palestine and Mesopotamia.* In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Org.). **Late Antiquity: Empire and Successors, A.D. 425-600.** 5. ed. The Cambridge University Press, Vol. XIV. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press, 2008, p. 588-611.

LYMAN, J. Rebecca. Christology and cosmology: models of divine activity in Origen, Eusebius and Athanasius. Oxford: **Oxford Scholarship Online**, 2011, p. 1-124. In: < <http://www.oxfordscholarship.com.ezproxy.apollolibrary.com/view/10> > Acesso 23.01.2012.

MILES, Richard. Introduction: constructing identities in late antiquity. In: _____. (Org.). **Constructing identities in late antiquity.** London/ New York: Routledge, 1999, p. 1-15.

MILLAR, Fergus. **A Greek Roman Empire:** Power and Belief under Theodosius II (408-450). Los Angeles: California University Press, 2006.

SPINELLI, Miguel. **Helenização e recriação de sentidos:** a filosofia na época da expansão do cristianismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

WICKHAM, Lionel Ralph. **Cyril of Alexandria:** Select letters. Oxford: Clarendon Press, 1983.